



UNIVERSITY OF CAMBRIDGE INTERNATIONAL EXAMINATIONS
International General Certificate of Secondary Education

FIRST LANGUAGE PORTUGUESE

0504/01

Paper 1 Reading

May/June 2012

2 hours

Additional Materials: Answer Booklet/Paper

READ THESE INSTRUCTIONS FIRST

If you have been given an Answer Booklet, follow the instructions on the front cover of the Booklet.

Write your Centre number, candidate number and name on all the work you hand in.

Write in dark blue or black pen.

Do not use staples, paper clips, highlighters, glue or correction fluid.

Answer **all** questions.

At the end of the examination, fasten all your work securely together.

The number of marks is given in brackets [] at the end of each question or part question.

PRIMEIRO LEIA ESTAS INSTRUÇÕES

Se lhe tiverem dado um caderno de respostas, siga as instruções dadas na primeira página.

Escreva o número do seu Centro, o número de candidato e o seu nome na frente de todo o trabalho que apresentar.

Escreva com uma caneta de tinta azul escura ou preta.

Não utilize grampos/agafos, cliques/prende-papéis, marcador fluorescente, cola ou líquido corretivo.

Responda a **todas** as perguntas.

No fim do exame, junte todo o seu trabalho duma maneira segura.

O número de valores está indicado entre colchetes [] no fim de cada pergunta ou parte de pergunta.

This document consists of **5** printed pages and **3** blank pages.



Leia o texto abaixo com atenção e responda às perguntas que se seguem.

Primeiro texto

PORTUGUESES NAS ILHAS LOFOTEN

Quando o sol prolonga os dias até ao limite da madrugada e a neve escorre pelas montanhas, os pescadores das ilhas Lofoten, no norte da Noruega, sabem que o trabalho está a chegar ao fim. O bacalhau, base da economia de um arquipélago situado a 300 quilómetros acima do Círculo Polar Ártico, viaja para outras paragens, cumprindo um ritual ditado pelos caprichos da natureza. O mesmo ritual que impõe o regresso dos cardumes, em Janeiro, para a desova. Este ano, a época foi farta, mas a empresa Lofoten Export, que abastece parte do mercado português, continua a negociar com os pescadores locais a compra de mais algum peixe.

Miguel Silva é o encarregado-geral da empresa. Pianista profissional, com uma carreira de mais de três décadas, este homem de olhar sereno que pesa cada palavra que profere, vive, aos 51 anos, uma tempestade interior, agitada pela distância da Lisboa que o viu nascer e pela lonjura dos palcos dos hotéis e dos casinos.

“Em Portugal, sentia-me encurralado, encostado a uma parede, sem ter oportunidade de fazer aquilo que realmente queria fazer, que era tocar”, diz o músico, num desabafo que sintetiza as razões que o levaram a abandonar o país. Foi no decurso de um telefonema que Carlos Ferreira, líder da sociedade luso-norueguesa, se apercebeu que as coisas não estavam bem com o amigo. “O Miguel trabalhava num hotel de 5 estrelas, em Lisboa. Ofereciam-lhe o jantar, trabalhava cinco horas a tocar piano e pagavam-lhe 30 euros por noite, o mesmo que ganha uma emigrante do leste a limpar casas”, relata o empresário, que há mais de dez anos se fixou nas ilhas Lofoten. Carlos precisava de alguém para coordenar a produção e transformação de bacalhau que a empresa exporta para Espanha, Grécia, Itália, Nigéria e, sobretudo, Portugal; alguém com domínio da língua inglesa, capaz de negociar com os pescadores noruegueses os melhores preços e as condições mais vantajosas. Miguel fez as malas e partiu.

De fato-macaco¹ impermeável, luvas e botas de borracha, Miguel Silva conduz a empilhadora² até junto do estendal³, onde milhares de cabeças de bacalhau secam ao sol. Sob o estendal, cinco homens ensaiam uma coreografia de gestos sincopados e vigorosos, em torno da última tina de peixe. São todos portugueses. Dentro de dias, o grupo regressa a Portugal, deixando a fábrica nas mãos de Miguel Silva. “Há uma preocupação da empresa em arranjar mão-de-obra especializada e, tendo connosco este grupo, que em Portugal também trabalha na área do peixe, conseguimos melhor produção”, explica o encarregado-geral. Poderia acrescentar que a mão-de-obra portuguesa é mais barata do que a norueguesa.

António de 65 anos é o mais velho dos cinco portugueses contratados pela empresa Lofoten Export. Divide o quarto com outros dois companheiros, no primeiro andar da fábrica onde o bacalhau é processado, e fala com total abertura do salário que ganha na Noruega. “Eu e o José, o cozinheiro, recebemos 1.500 euros por mês, mais comida, dormida, carro para passear e horas-extra.” O dinheiro e a falta de trabalho em Portugal determinaram a partida destes cinco homens para as ilhas Lofoten. “Ganho aqui em três meses o mesmo que ganho, num ano, em Portugal”, admite Daniel Fernandes, que aos 41 anos, já foi padeiro, soldador, bombeiro, massagista e construtor civil. É a segunda vez que deixa a mulher e os três filhos em casa, para vir trabalhar no bacalhau. Não se imagina a sair definitivamente do país, embora já se tenha acostumado ao modo de vida dos noruegueses, sobretudo, no que diz respeito aos apoios do Estado e à segurança: “Eu aqui deixo o carro aberto, com a chave na ignição, e ninguém lhe toca”, refere Daniel, a título de exemplo.

À exceção de Francisco Dias, o mais novo do grupo, todos os portugueses estão pela segunda vez, na Noruega. E prometem voltar, no próximo ano, para mais três meses de trabalho.

¹ macacão (br.)

² empilhadeira (br.)

³ varal (br.)

1 Agora responda em português às seguintes perguntas.

Além dos vinte pontos para as respostas, cinco pontos estão disponíveis para a Qualidade da Língua das respostas.

- (a) Quantos anos é que Miguel Silva trabalhou como pianista? [1]
- (b) Segundo o texto, o encarregado-geral “vive (. . .) uma tempestade interior”. Quais as causas disso? [3]
- (c) Como é que o Carlos percebeu que a situação do Miguel não estava bem? [1]
- (d) Segundo Carlos Ferreira, qual a razão para o Miguel decidir emigrar para as ilhas Lofoten? [1]
- (e) Porque é que Carlos Ferreira achou que Miguel era a pessoa ideal para o cargo de encarregado-geral da empresa Lofoten Export? [3]
- (f) Quais as vantagens que esta empresa tem em empregar portugueses? [2]
- (g) Para além do salário, quais os outros benefícios que a empresa oferece? [4]
- (h) Quais as duas razões que os cinco portugueses mencionados no texto apontam para terem vindo trabalhar para as ilhas Lofoten? [2]
- (i) Quais os aspectos positivos e negativos de viver na Noruega, segundo a opinião de Daniel Fernandes? [3]

[Total: 20 + 5 = 25]

Leia o texto abaixo e responda à pergunta que se segue.

Segundo texto

ATENDER O MUNDO EM PORTUGAL

Jardim Constantino, em Lisboa. Ao fim da tarde, como habitualmente, os sem-abrigo¹ espalham-se pela praça.

Na paragem de autocarro², uma mulher talvez com 50 anos, aparentemente estrangeira, vestida com um elegante conjunto castanho escuro³ e com uma mala aos pés. Perguntamos-lhe em inglês se viu passar o autocarro 26. Ela responde, na mesma língua e com sotaque cerrado, que não está à espera do autocarro. Gerada a conversa, depressa fica claro que a mulher é holandesa, encontrando-se a viver em Portugal há pouco tempo. Até há poucos meses, trabalhava no centro de atendimento (call center) de uma grande empresa internacional em Amesterdão, atendendo clientes do seu país. Quando a empresa decidiu transferir o call center para Portugal, deram-lhe a escolher entre ficar desempregada ou mudar-se para Portugal. Ela escolheu a segunda opção. No lugar onde trabalha, diz, existem trabalhadores de muitas nacionalidades, cada um atendendo chamadas do respectivo país. Ao que sugere, trata-se de uma situação bastante comum.

No momento em que menciona diferentes call centers e alguns países neles representados – Holanda, Hungria, Finlândia . . . – chegam ao Jardim Constantino os voluntários do Exército de Salvação, para a distribuição gratuita de alimentos. A fila forma-se quase instantaneamente e a mulher levanta-se, dizendo: “Desculpe, tenho de ir buscar o meu jantar”. E explica, enquanto se apressa: “Porque ainda não tenho quarto”.

Em Lisboa e no Porto, e também noutras cidades, o olhar habitua-se a reconhecer grupos heterogéneos – quase sempre jovens – aglomerando-se à porta de algum edifício anónimo de vidro espelhado. Muitos mais se encontram lá dentro, atendendo chamadas que podem vir de qualquer parte e ter que ver com qualquer assunto.

Numa das maiores empresas do ramo, a Teleperformance, multinacional francesa, dos 2.200 trabalhadores, 350 são estrangeiros, de países tão diversos como Espanha, Itália, Bélgica, Holanda, Grécia, Áustria, Hungria e Suécia. “Tipicamente, vieram porque estão com alguém, ou estão a estudar, ou então são filhos de emigrantes que regressaram a Portugal”, diz o seu responsável, Raúl Brandão.

O ordenado típico de um funcionário será mais ou menos 500 a 750 euros. Para um jovem estrangeiro, Raúl sugere, pode ser uma forma interessante de conhecer um país novo.

Sem dispor de números específicos, Filipe Teixeira Castro, vice-presidente da Associação Portuguesa de Contact Centers, diz que estrangeiros ainda são uma pequena minoria dentro dos trabalhadores dessa área. Mas basta consultar a Internet para ver a quantidade de anúncios internacionais a oferecer emprego em call centers em Portugal. Em termos gerais, Castro nota ser uma das raras áreas de actividade onde ainda há falta de gente para preencher postos de trabalho. Nuria Martinez, supervisora na Teleperformance, que chegou a Portugal há três anos para viver “com um alentejano”, diz que o emprego é exatamente o que estava à procura. Permitindo-lhe usar a sua própria língua, não a obriga a confinar-se a uma “bolha de espanhóis”. Na sua equipa⁴ existe gente do Chile, Cuba e Venezuela. “Tivemos a sorte de vir inaugurar este local e tornámo-nos como uma família, até porque não conhecíamos ninguém aqui”.

¹ desabrigados (br.)

² no ponto de ônibus (br.)

³ marrom-escuro (br.)

⁴ equine (br.)

Em relação aos clientes que atende, esboça uma rápida tipologia: “O cliente espanhol telefona mais, o alemão manda mais e-mails. O alemão, quando reclama, é muito insistente. Os portugueses parece que estão sempre a discutir. Os portugueses são mais civilizados”. Diz que Portugal leva as ilhas Canárias na tranquilidade.

Em jardineira de ganga⁵, louro e magro, o seu colega alemão Pieter Fritz, de 29 anos, está em Portugal apenas desde Outubro. Veio de propósito, porque gosta de mudança – paragens⁶ anteriores incluem a Tailândia e navios de cruzeiro – e para aprender uma língua nova. Viu um anúncio na Internet e candidatou-se; ao todo, o processo levou um ano.

“É diferente do que eu esperava”, admite. “No bom sentido. Pode-se andar devagar, não é preciso ser pontual”. Tal como Nuria, acha que Lisboa não é particularmente amigável, mas o resto do país sim. Diz que foi bastante apoiado pela empresa quando veio. A meio da tarde, quando termina o seu horário, sai do edifício no fim da Rua Infante Santo e encaminha-se para a estação de comboios⁷ de Alcântara. “Outra coisa boa. Acabar de trabalhar e ir à praia”, conclui.

⁵ macacão de jeans (br.)

⁶ paradas (br.)

⁷ trem (br.)

- 2 Tendo em conta os diferentes pontos referidos nos **dois textos**, descreva as diferentes causas para a emigração e explique as oportunidades e dificuldades que podem surgir desse fenómeno.

Escreva cerca de **250** palavras. NÃO ESCREVA MAIS DE 300 PALAVRAS.

[25]

Copyright Acknowledgements:

- Question 1 © Carlos Rico; *Prelúdio do mar distante*; Única; Expresso; 7 June 2008.
Question 2 © Luís Faria; *Atender o mundo em Portugal*; Expresso; 3 October 2009.

Permission to reproduce items where third-party owned material protected by copyright is included has been sought and cleared where possible. Every reasonable effort has been made by the publisher (UCLES) to trace copyright holders, but if any items requiring clearance have unwittingly been included, the publisher will be pleased to make amends at the earliest possible opportunity.

University of Cambridge International Examinations is part of the Cambridge Assessment Group. Cambridge Assessment is the brand name of University of